

As personagens das cartas de Álvares de Azevedo

Patrícia Aparecida Guimarães de Souza

(Mestranda em História Social pela FFLCH-USP)

Na presente comunicação, abordarei as questões de gênero que perpassam a correspondência de Álvares de Azevedo (1831-1852). Este trabalho é parte de um projeto mais amplo que realizo em meu mestrado, discutindo a representação das mulheres na obra do poeta. As cartas ganharam destaque, pois entendo que, como afirma Peter Gay, a obra literária é realizada no diálogo entre a vida do autor, a arte e a sociedade de seu tempo (GAY, 2010: 30). Assim, as mulheres descritas em suas obras são parte de um repertório presente em seu meio social e familiar, amplamente tratado nas cartas.

As cartas privadas se colocam como importante fonte para trabalhar a questão de gênero, pois, como afirma Michelle Perrot, é um espaço documental privilegiado para observarmos a expressão das mulheres, muitas vezes apagadas da documentação de caráter mais público. Segundo a historiadora, a escrita de cartas muitas vezes se tornava uma função materna:

A correspondência, entretanto, é um gênero muito feminino. Desde Mme. De Sévigné, ilustre ancestral, a carta é um prazer, uma licença, e até um dever das mulheres. As mães, principalmente, são as epistológrafas do lar. Elas escrevem para os parentes mais velhos, para o marido ausente, para o filho adolescente no colégio interno, a filha casada, as migas no convento. Suas epístolas circulam eventualmente pela parentela (PERROT, 2008: 28-9).

No presente trabalho, não tive acesso a cartas escritas pela mãe de Álvares de Azevedo, assim a comunicação ativa realizada pela mulher continua obscurecida. Contudo, ao se dirigir a ela é possível perceber como sua figura é construída pelo poeta e, através das respostas, subentender as perguntas.

O *corpus* documental desta pesquisa é composto por 71 cartas e bilhetes, escritos entre 1840 e 1851. Podemos dividi-las em três blocos, como fez Vicente de Azevedo

em sua edição da correspondência¹ sendo que me deterei prioritariamente nos dois últimos:

O primeiro, composto por correspondências escritas entre 1840 e 1843, quando o poeta estudou na escola Stoll, contém 13 bilhetes infantis, nelas podemos encontrar um caráter até pedagógico, visto que algumas destas cartas eram escritas em inglês e francês, idiomas nos quais Azevedo dava os primeiros passos.

O segundo é formado por quatro cartas escritas entre 1844-1845, período em que Azevedo foi aprimorar seus conhecimentos de Inglês, Francês e Latim em São Paulo e morou junto à família materna.

O terceiro é constituído por cartas escritas entre 1848 e 1851, período em que estudou na Faculdade do Largo São Francisco. Nelas, contou o seu cotidiano, as novidades, fez reclamações da cidade, compartilhou suas aflições e mostrou trechos de poesias. A maior parte foi enviada à mãe. Conhecemos apenas duas cartas enviadas ao pai, oito ao melhor amigo Luís Antônio da Silva Nunes², uma à irmã e uma ao primo e editor de suas primeiras obras póstumas, Jacy Monteiro.

Para a realização da análise dessa correspondência, considero necessário realizar ponderações a respeito da especificidade das cartas enquanto documento histórico e também da rede de sociabilidade na qual ele se inseria.

¹ No início do volume organizado por Vicente Azevedo, o autor narra como teve acesso as cartas enviadas para a mãe de Álvares de Azevedo, mas nos deixa sem pistas sobre quem possa ter ficado com elas após seu falecimento. Também nos informa que não conseguiu chegar às cartas originais enviadas a Luis da Silva Nunes, apesar delas também se incluírem nesta edição. Escolhi esta edição visto que é notável o cuidado dispensado em tentar ser fiel ao documento enviado pelo poeta. Foi mantida a ortografia de época e os pequenos erros cometidos por Álvares de Azevedo, principalmente nas cartas escritas durante a infância, foram reproduzidos e “perdoados” em notas de rodapé. Destacamos ainda, a profunda pesquisa realizada por Vicente de Azevedo para apontar quem são as pessoas citadas, auxiliando a compreensão das redes de sociabilidade nas quais o poeta estava inserido. Ainda assim, na composição da coletânea, é evidente a criação de um sentido que busca enaltecer Álvares de Azevedo, notáveis na construção das notas de rodapé, no prefácio e nos comentários finais. Cria-se uma linha condutora que nos leva do menino prodígio, que é capaz de ter boas notas em todas as disciplinas, menos em ginástica, ao jovem poeta falecido precocemente, possuidor de um grande “gênio” literário, contudo, fisicamente frágil. Vicente de Azevedo tenta “comprovar” como sendo equivocada a visão de que Álvares de Azevedo era um “boêmio”, enfatizando a imagem de “bom filho” por meio das cartas escritas a mãe. Isto nos remete aos apontamentos de Jeanne Bem, sobre a diferença entre uma carta avulsa e uma coletânea de cartas. Na visão da autora, ao trazer a carta para um corpo de correspondências organizado, temos uma ruptura e a transformação destas cartas em um novo objeto literário criado pelo editor e possuidor de sua própria “literariedade”. (ver: AZEVEDO, Álvares. *Cartas de Álvares de Azevedo*. Comentários de Vicente Azevedo. São Paulo: Academia Paulista de letras, 1976 e BEM, Jeanne. *Le statut litteraire de lettre*. In: FRANÇON, André. GOYARD, Claude. *Les correpondances inédites*. Paris: Economica, 1984, p.113-4.

² Natural do Rio Grande do Sul, viveu entre 1830-1911, estudou na mesma época que Álvares de Azevedo no Colégio D. Pedro II e voltou para sua terra natal. Em 1850, começou a cursar Direito em São Paulo, onde residiu na mesma república que o poeta. Contudo, se formou em Pernambuco e construiu uma carreira política no Nordeste, onde presidiu as províncias da Paraíba e da Bahia. Casou-se com a filha de um Marquês.

Correspondência enquanto documento

Michel Foucault, tratando da escrita de si, lembra-se dela como uma “prática”, elemento do “treino de si”, pois, ao se expor na escrita, o emissor realiza um autojulgamento, transformando ações em discurso e também o contrário (FOUCAULT, 1997: 134). Vemos, dessa forma, na construção epistolar, uma projeção de si e do outro dentro de um campo de expectativas. O que ressalta a importância de considerarmos as redes de sociabilidade, como veremos adiante.

Neste sentido, pensamos a importância da noção de *habitus* em Pierre Bourdieu, ao analisar a experiência do indivíduo e a sua forma de relatá-la. Assim, sendo inevitável a relação da totalidade com a história individual. Nas palavras do autor:

Sem dúvida, podemos encontrar no habitus o princípio ativo, irreduzível às percepções passivas, da unificação das práticas e das representações (...). Mas essa identidade prática somente se entrega à instituição na inesgotável série de suas manifestações sucessivas, de modo que a única maneira de apreendê-la como tal consiste talvez em tentar recuperá-la na unidade de um relato totalizante (BOURDIEU, 1996:186).

Bourdieu enfatiza que, ao escrever ou falar de si para o outro, a experiência privada passa para um discurso público. Este receberá outras formas de coesão e censuras, sejam elas oficiais ou subjetivas. Assim, ao ler uma carta de Álvares de Azevedo à sua mãe, devemos considerar - além da experiência narrada que já se situa dentro de um *habitus* repleto, mas não ilimitado, de possibilidades – as censuras e as convenções esperadas da relação entre mães e filhos, certamente diferentes daquelas travadas com um amigo ou amante, por exemplo.

Ainda assim, como aponta Fabiana Fredrigo, ao tratar a dimensão teórico metodológico das cartas, consideramos válida a noção de “autoria”, amplamente problematizada por Michel Foucault, mas defendida por Lejeune, que considera o autor como sendo “uma pessoa real socialmente responsável e o produtor de um discurso” (FREDRIGO, 2010: 9). Essa percepção de autoria revela importância da “*constituição subjetiva*” do ato de escrever.

Também é interessante destacar a leitura que Fabiana Fredrigo faz de Dominick LaCapra. A historiadora enfatiza a criação de contexto pelo texto, e também por aquele que o analisa. Sendo o documento e a obra historiográfica necessariamente uma percepção fragmentária da realidade passada e do olhar subjetivo do historiador sobre

ela. Portanto, se faz necessário levar em conta o caráter fragmentário e tendencioso deste documento sobre uma realidade, que no momento em que foi escrita estava aberta a uma miríade de possíveis futuros, que se concretizaram ou não. Podemos observar isso de maneira exemplar na carta em que, hiperbolicamente, Álvares de Azevedo exagera sua tristeza falando da possibilidade de um dia morrer moço³, o que acaba de fato acontecendo. Ou, de maneira menos dramática, na carta que troca com seu primo aventando a possibilidade de escreverem um jornal⁴, o que não se concretiza. Assim, observo na correspondência uma fonte com grande potencialidade para evidenciar a ampla gama de “futuros do pretéritos” que não aconteceram, lembrando-nos que o passado foi um presente e que seu sentido não era certo.

Trabalhando com as cartas de um autor de meados do século XIX, é importante destacar seu significado no período. Peter Gay dedica um capítulo de *A experiência burguesa. Da rainha Vitória a Freud*, à escrita de si, tratando da correspondência e dos diários, práticas há muito existentes, mas que ganharam amplitude no século XIX, com o culto à sensibilidade que, antes restrito ao mundo feminino, torna-se matéria-prima de homens e mulheres românticos. O autor enfatiza a tendência a valorizar uma escrita próxima da linguagem oral, mas lembra que, desde Cícero, este traço é recomendado na epistolografia, afirmando que “O que distingue a correspondência vitoriana, portanto, era menos o espírito do que a quantidade” (GAY, 1999: 342). Ao tratar do conteúdo, afirma que os assuntos serão ampliados, passando do rotineiro ao íntimo, do público ao privado, principalmente nas cartas enviadas no círculo familiar. Referências ao cuidado com a privacidade exposta nas cartas são comuns, a exemplo da frequente utilização da ideia de que ela fosse queimada depois de lida.

Teresa Malatian, em *Cartas: narrador, registro e arquivo*, lembra a dimensão educativa da carta na interiorização dos valores burgueses, sendo elas, de certa forma, parte das regras de etiqueta do século XIX e enfatiza como crucial para sua popularização a alfabetização das mulheres, que se corresponderão amplamente no período (MALATIAN, 2009: 149).

³ “Falei-te sempre e sempre com a mão no coração: se algum dia eu morresse moço ainda, na minha febre de ambiciosas esperanças, se – pobre imaginação de poeta! – o gelo da morte me corresse na trama do cérebro, há em algumas das minhas cartas a ti uma história inteira de dois anos, uma lenda, dolorosa sim mas verdadeira, muito verdadeira, no seu pungir de ferro, como uma autópsia de sofrimentos.” AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. Rio, 1 de março de 1850. In: _____, *Cartas de Álvares de Azevedo*. Comentários de Vicente Azevedo. São Paulo: Academia Paulista de letras, 1976. P. 146.

⁴ AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. Rio, 9 de setembro de 1850. In: _____, Op. Cit. p. 169.

Sociabilidade

Não vejo as representações de mulheres na obra de Álvares de Azevedo como uma excepcionalidade, mas como uma postura plausível dentro de um determinado grupo e também pautada em determinadas práticas, visto que o poeta não poderia descrever mulheres que não fossem sequer imaginadas em seu meio (artístico ou social). É preciso levar em conta que, apesar de não ter chegado a publicar seus livros em vida, era uma obra pensada em ser divulgada e que, quando foi divulgada, teve grande aceitação, ou seja, fazia parte daquele universo cultural pensar, por exemplo, no amor romântico, que anseia por ser correspondido pela mulher. Isso faz com que seja útil pensar na noção de sociabilidade de acordo com a definição do historiador francês Jean-François Sirinelli:

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente dominantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar. (SIRINELLI, 2003: 248)

O autor também discorre sobre as redes - pequenos círculos sociais que criam a sociabilidade - nestas, temos linhas de pensamento e tensões subjetivas, por exemplo, a amizade ou o rancor, como formadores e motrizes das sociabilidades. Sirinelli ainda destaca que a noção de sociabilidade também pode ser compreendida na interpenetração do afetivo e do ideológico.

As 'redes' secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos. E, assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se, portanto de uma dupla acepção, ao mesmo tempo 'redes' que estruturam e 'microclimas' que caracterizam um microcosmo intelectual particular. (SIRINELLI, 2003: 252)

Assim, Álvares de Azevedo deve ser inserido no contexto de uma elite letrada, que não possuía título de nobreza, mas frequentava seus círculos. São citados com frequência bailes e *soirées* chamados por condes e marqueses, dentre os quais podemos destacar a Marquesa de Santos (amiga de sua mãe). Trabalhando com a visão do poeta a

respeito das mulheres, é importante lembrar que, entre as elites, elas participavam efetivamente da vida social, em bailes, recepções e teatros, podendo flertar e conversar. Neste ponto é interessante lembrar que, para Álvares de Azevedo, uma das marcas do atraso dos Bailes da Concórdia, em São Paulo, era o fato de haver um mestre de sala que escolhia os pares. Assim as moças mais interessantes, ao seu ver, acabavam dançando com os “jovens de 50 ou mais anos” (AZEVEDO, 1976: 77). Foi sobre as moças com quem conviveu nestes meios, além do familiar, que ele escreveu nas cartas. Esperava-se que mulheres das camadas dominantes também chamassem atenção por sua cultura e letramento⁵, o que foi utilizado por Álvares de Azevedo como forma de hierarquizar as moças, os bailes e as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, como é notável no seguinte trecho de carta enviada à mãe em 4 de agosto de 1848:

*ir a bailes p.^a dançar com essas bestas minhas patricias, q. só abrem a bocca p.^a dizer asneiras, acho q. é tolice. Não julgue Vmcê. q. fallo com exageração – a moça, senão a mais bonita, a estatua mais perfeita em tudo, uma Belisária (mineira) é uma estúpida q. diz – **nós não sabe dançá pôque**, etc. e comtudo é uma beleza, mas É uma estátua estúpida e sem vida – Como diz o soneto do Octaviano - (AZEVEDO, 1976: 106)*

É importante destacar que as mulheres da família de Álvares de Azevedo eram letradas, por isso interlocutoras constantes do poeta e que, seguramente, a mãe sabia inglês e francês, pois ao treinar as línguas, o poeta, quando criança, lhe enviava cartinhas nestes idiomas.

Para descortinar as redes de sociabilidade que o envolviam, é importante considerar o meio estudantil de São Paulo, que, apesar de ser uma cidade pequena em comparação ao Rio de Janeiro (a vivência de Álvares de Azevedo é anterior ao ciclo do café), passava por uma grande efervescência cultural, contando com diversas sociedades literárias (Álvares de Azevedo participou de uma delas, a Sociedade Epicureia) e periódicos, nos quais encontramos estudos literários feitos pelo poeta.

Percebemos, neste meio, o grande acesso e busca pela leitura dos mais recentes livros europeus, visíveis na constante citação de autores franceses contemporâneos a Azevedo, como Alfred de Musset e George Sand, e no pedido a sua mãe, em carta de

⁵ Ver: HAHNER: June E. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi Pinsky; PEDRO: Joana Maria (org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 43-64

julho de 1849, para que lhe enviasse “La démocratie” de Guizot (o livro foi lançado em janeiro daquele ano na França) e Raphael de Lamartine (também de 1849).

Dentro do campo cultural, também é interessante lembrar que, nas cartas, Azevedo define alguns de seus versos como “byronianos”. Comenta ter sido daguerreotipado com uma capa a “Byron” que estava na moda. Constantemente sofrendo com o “*Spleen*”, descreve sua situação ao amigo Luis: “O meu viver solitário, fechado só no meu quarto, o mais das vezes lendo sem ler, escrevendo sem ver o que escrevo, cismando sem saber o que cismo.” (AZEVEDO, 1976:147) O que nos traz a impressão de uma tristeza “programática”, nem por isso menos sincera. De maneira mais concreta, devemos levar em consideração que *A lira dos vinte anos* foi pensada inicialmente para compor uma obra conjunta⁶ com outros dois poetas que estudavam no Largo São Francisco. Neste sentido, considero de grande utilidade a noção de geração, apresentada no mesmo texto de Sirinelli:

Esses efeitos da idade são às vezes suficientemente poderosos para desembocar em verdadeiros fenômenos de geração, compreendida no sentido de estrato demográfico unido por um acontecimento fundador, que por isso mesmo adquiriu uma existência autônoma. Por certo, as repercussões do acontecimento fundador não são eternas e referem-se, por definição, à gestação dessa geração e a seus primeiros anos de existência. Mas uma geração dada extrai dessa gestação uma bagagem genética e desses primeiros anos uma memória coletiva, portanto ao mesmo tempo inata e adquirida que a marcam por toda a vida.(SIRINELLI, 2003: 255)

Politicamente, podemos situá-lo em um liberalismo moderado e sua família dentro de um espectro mais conservador. Desta maneira, tentava conciliar suas posições entre o meio estudantil de tendência liberal e o familiar, conservador. Esse aspecto pode ser abstraído de uma carta enviada ao pai, após o pronunciamento de um discurso muito elogiado na faculdade. Nela, o poeta nega ser um liberal radical (o que aparentemente desagradaria o pai), afirmando apenas ter defendido, em seu discurso, o cumprimento da constituição no que tangia à universalização da educação básica. Também marca sua posição política o poema que fez em defesa de Pedro Ivo (líder da Revolução Praieira), em que afirma não comungar de todos os seus ideais, mas os considerar nobres e, por isso, o revolucionário merecedor do perdão do imperador (AZEVEDO, 2000: 304-6).

⁶ Seriam publicadas com Aureliano Lessa (1828-1861) e Bernardo Guimarães (1825-1884).



Também lembramos que as poucas citações referentes a escravos são feitas com naturalidade e que não aponta nenhuma tendência abolicionista.

As cartas de Álvares de Azevedo

Ao lidar com essa documentação, devemos considerar que não temos acesso à correspondência passiva o que torna a compreensão do diálogo e das relações entre os correspondentes limitadas, visto que grande quantidade dela é escrita em tom de resposta. Nas cartas a Luís Antonio, temos diversos trechos pontilhados, indicando que foram cortados pelo receptor antes de torná-las públicas em 1862 (é importante lembrarmos que o poema *Conde Lopo*, enviado somente a este amigo, foi publicado apenas em 1886, mais de 30 anos após a morte do poeta). Também tomamos conhecimento, com a leitura das cartas que temos acesso, da existência de outras enviadas ao pai e às irmãs, além de mais algumas a Luis Antonio e à mãe, perdidas ou ocultadas. A sobrevivência destas nos traz a questão, já clássica, colocada por Jacques Le Goff aos historiadores, em *Documento/Monumento*: quando realizamos a crítica ao documento, também devemos refletir sobre quais decisões foram tomadas para aquele fragmento da realidade ter sido preservado em detrimento de tantos outros (LE GOFF, 2013: 485-99). Vicente de Azevedo afirma não ter nenhuma notícia sobre as Cartas enviadas a Luís, contudo, levanta como hipóteses para o sumiço de cartas enviadas a mãe. Para ele, pessoas mal intencionadas poderiam – aproveitando-se da boa vontade da irmã em mostrar o material nos primeiros tempos – ter roubado cartas que ficaram com ela visando guarda-las como “lembrança” ou roubar os selos que as fechavam, visto que nenhuma aparece com o lacre, mas não considera que o desaparecimento de algumas delas, pode ter sido realizada pela própria família, que manteve consigo esse corpo documental por mais de meio século. (AZEVEDO, 1976:11)

Entendemos também que ao registrar esses pensamentos na correspondência o poeta empreendeu a construção de uma imagem de si próprio e de seu meio que considerou válida de ser compartilhada. E que, se estas cartas trazem uma percepção sobre Álvares de Azevedo, esta faz parte de uma escolha de seus parentes e amigos próximos, o que não a torna uma fonte menos rica se objetivamos nos debruçar sobre o olhar a respeito das mulheres, passível de ser encontrado dentro de determinada sociabilidade e passível de ser divulgado.

Podemos observar, apesar dos cortes e da existência de cartas às quais não temos acesso, uma relação de forte intimidade entre Álvares de Azevedo e Luís Antonio, visto que o poeta lhe enviou versos que escolhe não mostrar para os colegas de São Paulo, descreveu fantasias a respeito de mulheres imaginadas, faz comentários sobre mulheres de sua convivência e lamentou o possível sofrimento de sua mãe ao vê-lo triste. Em alguns trechos também podemos ver insinuada a possibilidade de uma relação homoafetiva entre os dois, junto com o desejo não realizado do poeta de amar uma mulher. Ressalvamos que eram comuns, no período, declarações entusiasmadas de afeto entre amigos, como é notável na correspondência de Gonçalves Dias ao amigo Theofilo, também na década de 1840; contudo, mesmo sendo em quantidade muito maior, não vemos declarações tão ardentes quanto as de Álvares de Azevedo que lamenta a falta da possibilidade de “tatear” àquele que lhe fazia falta, ou seja, Luís. Seguem alguns trechos da carta de 1 de março de 1850, nos quais me baseio para interpretar a relação entre esses interlocutores (escolhi esta carta por ser, aparentemente, a que recebeu menos cortes, embora eles existam):

não iras pois a S. Paulo comigo. Dois annos tive eu lá como provação: era-me o consolo, esperança (ai! que bem pobre esperança que assim tão leviana se foi!) viver lá contigo..

Luís, há ahi não sei quê no meu coração que me diz que talvez tudo esteja findo entre nós. Será mentira, uma dessas gotas de fel que se embebem no cérebro com uma loucura? – ou um pressentimento – negro embora – verdadeiro, como o primeiro pio da procellaria aos prelúdios do vendaval por mar alto?

(...)

Adeus, meu Luís. A belleza do espiritalismo é o amor das almas, essa afinação que as palpita unisonas par a par ainda na separação, ainda quando os sentidos que nos ligam à matéria não tacteiam mais o objecto que se ama. Adeus. Assim como eu te amo, ama-me. Não esqueças entre tuas campinas do Rio Grande, ao riso de lábio rosa onde se desvelam pérolas, das tuas patrícias bellas.

O teu amigo:

Azevedo (AZEVEDO, 1976:146-9)

É importante ressaltar que há grandes diferenças nas formas de descrever as mulheres e o dia-a-dia nas cartas à mãe e ao amigo. Assim, o tipo de sentimento que

nutria pelo amigo também pode ter influenciado sua percepção e sua descrição a respeito das mulheres.

Nas cartas enviadas à mãe, observamos uma grande preocupação em falar do círculo social que frequentava, contando novidades sobre os conhecidos, ora elogiosos, ora fortemente sarcásticos. As reclamações de São Paulo também dão a tônica, chegando a serem repetitivas (ainda que com menos intensidade elas também aparecem nas cartas a Luís). À mãe, também pede notícias dos outros membros da família, comenta as cartas enviadas a eles e reclama mais cartas da irmã Nanhã. Podemos notar, assim como nas cartas a Luís, um tom fortemente sentimental, que não se repete nas cartas ao pai. É particular nessa correspondência as reclamações em momentos de discordância, como quando responde à mãe, que aparentemente reclamou de sua letra, que a falta de beleza dela é herança familiar, ou no seguinte trecho, respondendo a uma provável reprimenda por seu exagero sentimental:

recebi as suas duas cartas de 28 de setembro e 8 de outubro.

Agradeço-lhe as muito. Especialmente a do mês passado, onde tão letradamente e de um modo tão valer, com um risinho inteiramente mefistofélico, Mmcê. Tra o meu spleenético sentimentalismo...

A sua cartinha é uma contradição – muito bonita, é verdade, muito floreada, muito poética – dessa poesia à Don Juan e à Faust, que ri de tudo, em cuja lira cada vibrar estremece estrídulo como uma gargalhada, em cujos lábios cada canto se desfaz numa ironia. (AZEVEDO, 1976: 141)

Das cartas enviadas ao pai, temos uma sobre seu aniversário de 18 anos, em que agradece os votos do pai e reclama da vida insípida de São Paulo (AZEVEDO, 1976: 143), mas de maneira mais comedida do que na carta do mesmo dia enviada à mãe, e outra com temática política, já citada. Nas cartas à mãe só podemos ver preocupação política/social ao reclamar da parcialidade do chefe de polícia, que não pune os “cacetistas”, mas é duro com os estudantes (AZEVEDO, 1976: 90). Nas cartas a Luís não vemos nenhuma preocupação política ou social.

Na carta enviada a Jacy Monteiro temos uma projeção de gastos, visando um projeto de escreverem um jornal, destacando uma linguagem cordial e informal, mas sem arroubos sentimentais.

Adiante elenco as características das mulheres citadas pelo poeta em sua correspondência:

Mãe: é delineada como uma mulher culta, com quem podia, inclusive, reclamar da falta de cultura de outras mulheres. Preocupada e zelosa com o filho. É vista com uma capacidade natural, por ser mãe, de entendê-lo, como vemos neste trecho:

Vão ahi uns versos bem toscos e bem mal torneados, bem máos, talvez; e se algum merecimento tem elles é serem escriptos do coração, e não a martéllo. Peço-lhe que os não divulgue. Vmcê háde entendêl-os; o coração materno tem uma segunda vista instinctiva que adivinha; haveis de comprehendêl-os, como eu os escrevi – e desculpareis a rudeza da execução, o desalinho e a incúria da emmenda. (AZEVEDO, 1976: 43)

Não há descrições de sua aparência física, mas encontramos referências ao seu bom gosto no vestir-se. Frequenta constantemente os grandes salões.

Nhanhã: irmã, tem uma relação de proximidade com o poeta, tendo em vista a frequência da comunicação. Ainda assim o seu cotidiano é visto como menos importante que o dos homens, como percebemos nesta carta à mãe:

Diga á Nhanhã que eu pretendia escrever-lhe, mas q. como é tão preguiçosa de escrever, talvez seja também de ler, e como tem tantos TRABALHOS v. g. ir ao baile , ao theatro, pentear-se , etc , cousas que reconheço essenciais e trabalhosíssimas pode ser q. não tivesse tempo para ler a carta. Se a desculpa é má será sempre melhor do q. qualquer pretexto q. ella tenha de mandar-me. Comtudo dê-lhe um abraço q. lhe manda o seu irmão e diga-lhe q. não se esqueça delle.(AZEVEDO, 1976: 78)

Avó: paulista, preocupada com a família, representando valores antigos reclama do Rio de Janeiro e tem sua fala reproduzida pelo poeta em carta à mãe.

A propósito de Vóvó – ella veio lá do Rio toda zangada pela falta de religião e tem espalhado pr. ahí q. lá em casa não se vai á Missa, mas a bailes, em lugar de decorar rezas se decorão poesias & & & (AZEVEDO, 1976: 59)

Tia Maria Francisca: Em oposição aos cuidados da mãe, tidos como naturais, temos tia Maria Francisca, considerada louca pelo poeta, por maltratar o filho, atitude que causa preocupação na avó:

Tia Maria Francisca, q. pelos actos q. me narrou minha avó, está louca varrida. O primo tem mostrado quanta é a sua pachorra - Numa dessas noites frias, fel-o Tia Maria Francisca dormir n'uma rede, sem um cobertor!..(AZEVEDO, 1976: 120).

Prima Iaia: Paulista, recebe uma descrição negativa. Na primeira carta em que aparece, Álvares de Azevedo reclama de seu “mutismo” que faz com que somente murmure “bom dia” ou “adeus”. (AZEVEDO, 1976: 66)

Escrava Joana: Única escrava citada, aparece apenas em um carta como causadora de problemas no lar de Iaia, a quem já havia criticado.

Enquanto ao negócio de Iaiá sobre o qual Vmcê. me pede confirmação – já lhe mandei dizer há muito tempo que estavam reconciliados. – a causa da revolução dos seus lares, que há muito tempo que não está lá, mas uma preta Joana. Porém com a despedida dela pela prima, romperam as hostilidades.
(AZEVEDO, 1976: 72)

Mulheres de São Paulo: na maior parte das vezes são descritas como “incultas”, mesmo quando têm sua beleza constatada. Destaca que as moças mais interessantes da cidade não são de lá, mas sim santistas e mineiras. Duas famílias são mais representadas, as Milliets (filhas do cônsul francês), sendo a mais velha descrita como muito bonita e possuidora de uma “língua ferina” (ela coloca uma alcunha no tio de Azevedo) e as Xavieres, que claramente têm relação com sua família, visto que Álvares Azevedo pede notícias de um baile do Rio de Janeiro à irmã para contar a elas. Em carta ao amigo Luís comenta de duas moças que lhe chamam a atenção, mas que não lhe causam amor, e falando sobre a beleza de uma delas afirma: “A Q... parece uma santa; e não poderia eu sentir amor por ella: às santas adora-se, mas não ama-se” (AZEVEDO, 1976:71). Também cita com frequência a Marquesa de Santos, amiga de sua mãe e após um baile ele faz comentários críticos sobre o excesso no seu vestuário.

Mulheres imaginadas: são descritas com forte apelo sexual e colocadas como possibilidade de sair de seu estado de tristeza (carta a Luís):

Parece que se aquela beleza de olhos e cabelos negros, de largo collo, que lhe flutuam, desatasse com seus dedos macios e finos aquelas sedas do roupão... e eu ahí repousasse essa febre da fronte que me dóe, esse queimar de um cérebro que me afoga, eu poderia ainda ter vida bastante para desvivel-a ahí no voluptuoso de um espasmo, para morrer ahí na loucura de um sonho de beijos... E quando, ante uma forma alva de loura, na limpidez de uns olhos transparentes e azues como o mar, eu leio o que vai de pureza, o que ha de areias d’oiro sob aquelle esmalte diaphano de vaga, então, como Faust de Goethe na alcova de Margarida, há uns efflúvios magnéticos que me avivam o já morto palpitar de minhas fibras, oh! Então eu espero ainda...

Mas, em geral, o que ás vezes ainda me aviva o pulsar mais trépido do sangue é a voluptuosidade que se me vislumbra numa mulher donairoza, numa daquellas que parecem feitas por Deus como estátuas para resar-se-lhes ao sopé, para pedir-lhes, como a Vênus lasciva, uma hora – uma só – de goso.. (AZEVEDO, 1976:147).

Como representações gerais, observo as idades das mulheres descritas, sendo que até os 14 anos são vistas como “meninas” pelo poeta, mas ele refere-se aos 16 anos como uma idade apropriada para casar. Sobre as roupas, espera que elas se vistam bem, mas sem excessos. Outras qualidades que admira são: cantar e dançar bem, ter ânimo, conversar.

Conclusão

Lembramos que a maior parte da correspondência estudada foi escrita por um homem, mas enviada a uma mulher, sua mãe, que, aparentemente, lhe respondia dando conselhos e demonstrando preocupação. Assim, podemos observar o anseio por uma relação de cumplicidade e reciprocidade com as mulheres de seu convívio familiar (a mãe e a irmã). Ao escrever sobre a irmã, o poeta a reconhece como alguém que deve receber sua atenção, mas também é nítido que se vê com superioridade em relação a ela, que joga não ter trabalhos sérios a fazer, como ele, que estuda direito.

A relação com a mãe, apesar de íntima, também é marcada por uma visão de naturalização do amor materno. Assim, observamos o elemento de gênero estruturando as relações expressas na correspondência, evidenciada principalmente no contraste do que é escrito para o pai. Sobre o amor materno, apesar de ser uma personagem pouco frequente, é importante destacar que a Tia Maria Francisca é considerada “louca”, ou seja, fora do padrão de “normalidade”, ao, aparentemente, não se preocupar com o bem estar do filho.

Ainda sobre as mulheres com quem tinha relações familiares, é notável que Prima Iaiá seja descrita primeiro de maneira pejorativa, por seu “mutismo”, ao apenas saudar, sem iniciar uma conversação, e, depois, com um forte teor irônico (comum em sua obra poética) ao relatar que as brigas que aconteciam em seu lar se resolveram com a despedida de uma escrava, insinuando ciúmes. Assim, é possível denotar que, apesar da expectativa de conversar, não via bem que essa conversação fosse para além do afável e pudesse trazer a tona algum conflito, como observamos também, fora do

âmbito familiar, ao criticar a “mania de colocar alcunhas” da srta. Milliet, apesar dela ainda ser descrita como uma das moças mais bonitas de São Paulo.

A Luís, dedicou suas cartas mais íntimas tratando inclusive sobre seus desejos sexuais e afetivos, além de demonstrar um profundo sentimento de amor e amizade. Diferentemente da irmã a quem vê com “gentil” inferioridade e do pai, superior, o tratamento resguardado ao amigo é igualitário, assim, percebemos que parte deste equilíbrio é definido por uma identificação de gênero e etária.

Nas representações notamos que, ao imaginar as mulheres que seriam desejáveis por ele, temos descrições marcadas pelo aspecto físico; mas, ao tratar das mulheres reais, se apoia, principalmente, nas características intelectuais (o que também se altera de acordo com o interlocutor). Assim, inicialmente, podemos dizer que, apesar de reiterar um discurso em que o homem prevalece, notamos o anseio por uma mulher intelectualizada, passo que a ignorante é desprezada.

A respeito de São Paulo, apesar de encontrarmos, à primeira leitura, uma cidade arcaica em suas características materiais e em sua população “caipira”, principalmente se comparada ao Rio de Janeiro, com seus imponentes bailes de Corte; é possível descortinar uma cidade que também era palco de uma importante efervescência cultural e onde, fora do alcance dos pais, os jovens podiam desfrutar de maior liberdade política.

Bibliografia e Fontes

AZEVEDO, Álvares. *Cartas de Álvares de Azevedo*. Comentários de Vicente Azevedo. São Paulo: Academia Paulista de letras, 1976.

_____. *Obra Completa* (org. Alexei Bueno). Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2000.

BEM, Jeanne. Le statut litteraire de lettre. In: FRANÇON, André. GOYARD, Claude. *Les correpondances inédites*. Paris: Economica, 1984, p.113-4

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Maria de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. O Ato auto biográfico: Francisco de Paula Santander em combate com Simón Bolívar. In: Anais do 9º Encontro Internacional da ANPHLAC, UFG, 2010.



FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____, *O que é um autor*. Lisboa: Passagens, 1997. P.129-160.

GAY, Peter. *A experiência Burguesa*. Da Rainha vitória a Freud. O coração desvelado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HAHNER: June E. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi Pinsky; PEDRO: Joana Maria (org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. P. 43-64.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *Memória-História*. Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 2013, p. 485-499.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico 25 anos depois. In: _____, *O Pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. P.70-85

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tania R. de. *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. P. 195-221.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: René Rémond (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. P. 231-269.